

A opção do Politécnico

O Ensino Superior Politécnico, ensino superior de curta duração, tem sido muito discutido recentemente, sobretudo em aspectos pontuais, como o de reconversão dos institutos superiores de Engenharia e dos de Contabilidade e Administração. Menos controversas, mas merecendo ser explicitadas, são as razões da sua criação: é uma contri-
buição para esta discussão que aqui se pretende fazer. Terá interesse, em primeiro lugar, reconhecer quais as razões que podem levar à criação de uma nova via de um sistema de ensino ou à introdução de alterações à estrutura desse sistema. As razões são fundamentalmente as seguintes:

- existência de postos de trabalho com um perfil ocupacional não satisfeito pelo sistema de ensino existente;
- distorções sociais resultantes da configuração do sistema educativo.

Estes pontos consistem essencialmente em razões de ordem económica, o primeiro, e social, o segundo.

Circunscrever-nos-emos, no que segue, à formação de técnicos, exemplificando normalmente no domínio das engenharias, não abordando a formação de professores. A análise dos postos de trabalho para os quais não há mão-de-obra com uma formação adequada do nosso sistema de ensino, resulta no reconhecimento de uma carência efectiva de técnicos superiores. Reconhecida a carência, põem-se duas questões: o que é um técnico superior e qual a formação que lhe corresponde.

Em resposta à primeira questão e em termos genéricos, um técnico superior realiza tarefas de elevado conteúdo técnico e tecnológico, requerendo bases científicas para tomada de decisões fundamentadas. Esta definição, forçosamente genérica, permite, no entanto, concluir que os cursos terão uma importante componente de formação técnica e profissional e uma sólida formação científica. Este é o conteúdo típico de cursos pos-secundários noutros países onde esta formação existe há mais ou menos tempo. Tomando o sector de engenharia como exemplo, este sector é especialmente interessante pelo seu grande e constante desenvolvimento tecnológico, podemos comparar a relação engenheiro/técnico superior (engenheiro técnico) existente em Portugal e noutros países. Assim, enquanto que em França este valor é de 1/2,2 (prevendo-se que atinja 1/2,8 na década de 80) e nos Estados Unidos é de 1/4, em Portugal é de 1,5/1.

Pondo-se a questão de os cursos que actualmente em Portugal asseguram este tipo de formação, a resposta é de que praticamente não existem ou que a fazem deficientemente. As escolas que, no domínio da engenharia, estariam naturalmente vocacionadas para este tipo de ensino, os Institutos Superiores de Engenharia, após lhes ter sido conferido o estatuto de ensino superior em 1974, usaram como modelo para os seus cursos os de licenciatura, tendo hoje ambos conteúdos idênticos.

Nos contactos mantidos com indústrias e profissionais nacionais, tem sido sempre reconhecida como uma necessidade a formação de técnicos superiores com um perfil como o acima descrito. Aliás, a composição do mercado de trabalho tem sido alterada na maioria dos países minime-
ntemente industrializados, por um aumento na procura destes técnicos, cujo desemprego se mantém genericamente a níveis inevitavelmente baixos. A evolução mencionada do mercado de emprego é influenciada por uma opção de investimento em indústrias de mão-de-obra intensiva ou capital (tecnologia) intensiva. A opção pela primeira re-
presenta normalmente uma política de curto prazo para absorção de excedentes de mão-de-obra, sendo a segunda uma opção de mais longo prazo, visando uma melhoria das condições de trabalho e nível de vida. A segunda opção reflecte-se num aumento percentual maior de técnicos superiores na composição do mercado de trabalho e uma apetência particular para formações mais especializadas.

Na falta de uma definição de planeamento da economia, deve o sistema de ensino procurar garantir a satisfação das necessidades actuais, incluindo uma cuidadosa extrapolação. Uma vez apresentadas sucintamente algumas razões de ordem económica (ou socioeconómicas), há que analisar quais as distorções sociais resultantes da actual configuração do sistema de ensino. Neste ponto é a exis-

Pedro Lourtie

(Continua na pág. seguinte)

RECORTE »
Apartado 2671
Lisboa-C-Portugal
Telef. 4 43 01

DIARIO DE NOTICIAS
Lisboa

22. MAI 1979

NOSSA TERRA (A)
S. Miguel de Rio Torto

VALENTE (O)
Lisboa

CRÓNICA FEMININA
Lisboa

TREVIM
Lousã

0480179

Ens. Politécnico

A opção do Politécnico

(Continuado da pág. anter.)

tência de dois grupos com formação de objectivos não diferenciados, mas com uma tradição de luta por estatuto social, que é incorrecta e indesejável. Por esta razão poder-se-ia ser conduzido a pretender assimilar os dois grupos integrando os institutos superiores nas Universidades.

Aqui o problema que se põe é de quantidade, na medida em que o desemprego e o subemprego de licenciados é um facto, só se agravando com esta medida. Também a criação de um fosso entre os licenciados, vocacionados para planeamento e concepção, e os executores imediatos é incompatível com a estrutura de uma empresa moderna cada vez mais a função do técnico superior seria preenchida por autodidactas, técnicos especializados no estrangeiro e licenciados reconvertidos. Qualquer destas soluções tem o seu preço social e económico e até de dependência tecnológica.

Seria interessante analisar a articulação do Ensino Superior Politécnico no sistema formal de ensino, a sua contribuição para uma educação recorrente, o seu carácter de promoção do desenvolvimento social e económico, sem perder de vista as características da sociedade portuguesa; não cabe, no entanto, esta análise no âmbito deste artigo.